

Redação Técnica e Científica e sua Indexação

Avelino Medina¹

MEDINA A - Technical and scientific writing and its indexation.

“Só o homem nasce inerte, falto de tudo, e ignorando tudo. Nada sabe, e nada pode sem tal ou qual educação; pois é preciso ensiná-lo a viver, a falar, e ainda mais que tudo a pensar bem, o que é sempre obra de muita dificuldade.”

(Francisco de Mello Franco, in Elementos de Hygiene^o, 1923)

A língua portuguesa no Brasil

Que linguagem se deve usar em redação técnica? Uma linguagem despreocupada ou uma formal? A norma culta e erudita dos portugueses é mais correta ou preferível? Ou é mais adequado escrever à brasileira, em tom solto e coloquial?

Essas dúvidas nos remetem, inicialmente, à língua portuguesa usada no Brasil.

Os efeitos dos navegadores portugueses garantiram a sobrevivência da nação e da língua que lhes serviu de sustentáculo. Fala-se com orgulho desses feitos e da língua portuguesa que deixou influência marcante ou vestígios nos cinco continentes, inclusive no chinês e no japonês.

-O português antigo ou arcaico introduzido pelos colonizadores europeus em confronto às etnias negra e ameríndia deu origem a falares crioulo e semicrioulo, deturpações da língua original, “língua de necessida-

de” para a colonização. Ao lado dessas, a *língua geral* (ou tupi) dos silvícolas do litoral e as línguas *travadas* (dos silvícolas do interior) consistiam no confuso aglomerado lingüístico dos primeiros séculos. O ano de 1807, o da vinha do Príncipe Regente para o Rio de Janeiro, e seus 15.000 súditos, marcou início de dento para a língua Portuguesa no Brasil. Daí em diante, o falar culto da língua Portuguesa se expandiu e prevaleceu sobre os falares tidos de má estirpe. O debate sobre a *língua portuguesa transplantada* se refez aqui, acaloradamente, em que pese o esforço de alguns, como José de Alencar, no sentido de livrar-se das influências lusas. Escritores portugueses criticavam os brasileiros pela sintaxe e terminologia variáveis, num falar “deturpado”. Ora, o idioma peculiar que se formou aqui adveio do somatório das influências do português arcaico que perdurou nas províncias, dos dialetos crioulo e semicrioulo, das línguas dos índios e das normas cultas dos últimos colonizadores¹⁴.

No Brasil agrário, sobressaiu o cultivo das humanidades, aí se destacando as questões da língua. Logo cresceu o grupo dos defensores do idioma português - os puristas daqui e d'além-mar - no século XIX e primeira metade do XX, a cerrar fileiras contra a invasão de termos estrangeiros, particularmente de origem francesa. Essa fobia galicizarla era desconhecida dos escritores dos séculos XV, XVI e XVII, que não hesitavam em adotar termos estrangeiros que lhes faltavam em vernáculo. Vocábulo como *população*, *bicicleta*, *jornal*, *corte* (do rei), *chefe* (de chefe de família chefe de estado etc.) não parecem aquisições do francês, mas o são. “A atitude hostil, e não raro exagerada contra os vocábulos que chegam por via francesa deve-se à reação purista de alguns escritores de fins do século XVIII e princípios do século XIX, impressionados com o gosto que se vinha tomando pelo falar do civilizado povo d'álem-Pirineus. Termos franceses sem necessidade alguma se iam já substituindo a expressões usadas desde tempos imemoriais” (M. Said Ali¹³).

A Semana de Arte Moderna de 1922 se insurgiu contra o rigor da linguagem e iniciou luta de contestação

1 Médico do Serviço de Terapia Intensiva do Hospital do Andaraí (Rio). Especialista em Psiquiatria. Editor do livro *Questões Fundamentais de Terapia Intensiva*, Ed. Interamericana (1980). Autor de *Distúrbios da Consciência* (1984) e editor de *Sinopse Médica* (1984), ambos pela Ed. Cultura Médica (Rio). Editor da Revista Brasileira de Terapia Intensiva. Em 1989, publicou pela Atheneu Cultura Editora o romance *Essa Amor que me Devora*,

Correspondência para Avelino Medina
Rua Gorceix, 11- ap. 401
22411- Rio de Janeiro -RJ

©1990, Sociedade Brasileira de Anestesiologia

e renovação dos padrões estéticos. Oswald de Andrade instituiu verdadeiro caos lingüístico. Mário de Andrade talvez tenha realizado o mais bem-sucedido projeto de “escrever brasileiro”, escrita irreverente e solta, incorporando solecismos e brasileirismos de toda a sorte, notadamente de origem ameríndia. Nas pegadas do movimento de 22 houve quem revitalizasse a idéia de instituir uma “linguaportuguesa”, cujo projeto malogrou em definitivo nos anos 40, porque tal artificiosa separação se configurava rematada tolice e injustificado ódio antilusitano. Trata-se, acima de tudo, de uma “lingua portuguesa de expressão brasileira”.

A revolução de 1930 e o golpe militar de 1964 forçaram o Brasil a abrir-se ao capital estrangeiro e, no rastro desses, ao afluxo de tecnologias industriais, a movimentos de moda, música, costumes, artes plásticas, entre outros. Escritores de todos os países quase sempre são incômodos a ditadores. Donde resultou a censura às artes, 8m especial à literatura e ao jornalismo independente.

Ao gosto do cultivo das artes e dos valores clássicos de tradição européia contrapôs-se grande influência da língua inglesa, através da tecnologia, das artes, da medicina, da engenharia e dos modismos em geral. O fluxo de termos técnicos, científicos, artísticos, entre outros, vindo de outras línguas (notadamente do inglês, do francês, do italiano, do espanhol e do alemão) influenciou psicologicamente e as massas. Tornava-se *chic* ou símbolo de *status* usar termos estrangeiros, com notório desmerecimento da língua materna. Ao falante da era tecnocrática pós-moderna incorporava-se a aura de “estar por dentro” e de ter sido bafejado pela sorte de ingressar em civilização de fala “superior”. Essa condição psicossocial contribuiu em parte para o desleixo e o descrédito em que caiu hoje a língua portuguesa.

Por outro lado, durante a tecnocracia, quando pessoas cultas sentiam a necessidade da volta do ensino do grego nas escolas fundamentais, tirava-se o latim dos currículos escolares, o mesmo se fazendo com o francês e o espanhol. A ideologia priorizava a tecnologia. Semelhante aviltamento da cultura e do ensino, acabou por trazer queda do nível da língua que se fala no Brasil.

Aquisições novas sempre se fixam no idioma. Não há como negá-lo. Contudo, tais influências costumam ser recíprocas. Os anos recentes têm demonstrado declínio acentuado do interesse pela língua portuguesa. Violações gramaticais vêm ocorrendo para perplexidade de quantos, embora admitam a fala viva e dinâmica, sujeita, pois, a novas aquisições, assistem ao quase completo caos em que se encontra o idioma português no Brasil.

Galicismos e anglicismos

O francês influenciou todas as línguas ocidentais, até a língua russa recebeu considerável influência. Se por um lado, a caga aos galicismos tenha se tornado tarefa anacrônica e pouco justificável, por outro lado, nos cabe zelar pelo idioma português. Termos franceses como *abajur, banal, buquê, chance, chofer, confecção, cons-tatar, detalhe, emoção, etiqueta, fortuna, garçom, im-passe, maiô, marrom, menu, purê, robe, silhueta, sucesso, toalete, travesti, tricô, valisa, vitrina*, e muitos outros, estão incorporados ao idioma⁸. Não seria cabível usar sinônimos que não teriam o mesmo saber.

Igualmente, termos ingleses, como *coquetel, flerte, futebol, hall, líder, paciente, piquenique, pulôver, smo-king*, entre muitos outros, são usuais e não devem ser substituídos⁸. Dizer *ludopédio*, em vez de futebol, e *convescote*, em vez de piquenique, é, no mínimo, risível.

Contudo, muitos anglicismos podem e devem ser evitados. *Severo*, usado no sentido de “intenso, pronunciado ou grave”; *suporte*, usado no sentido de “apoio, sustentação”; *realizar*, usado no sentido de “imaginar”; *assumir*, usado no sentido de “admitir”, entre outros, são inteiramente dispensáveis. Seria longa e tediosa a enumeração de anglicismos dispensáveis atualmente freqüentes no meio médico.

A palavra *editor* nas línguas latinas teve itinerário curioso. O sentido em que se usa em inglês adveio do latim e significa “aquele que promove a feitura de livros, filme, etc.”. Nas línguas latinas, editor representava somente o proprietário da casa publicadora. Nesse último sentido, em inglês se diz *publisher*, em francês *édi-teur*, em português *editor*. Com a difusão da língua inglesa, passou-se a dizer em francês, em italiano, em espanhol e em português, *editor* no sentido original do latim, sentido em que é tido por anglicismo nas línguas latinas. Daí porque alguns sugerem e usam expressões como *editor-de-texto, editor-de-imagens, editor-de-videoteipe, editor-de-som* etc. para diferenciá-los do *editor* (dono da empresa).

Há anglicismo e galicismos sintáticos, sobre o que dou aqui apenas poucos exemplos. Em inglês, se usa a ordem inversa do discurso. Escrever que *um grupo de 08 pacientes, submetidos a anestesia geral, foi analisado* é construção inglesa. Deve-se dizer na ordem direta: *foram analisados 88 pacientes submetidos a anestesia geral*. Com atenção e interesse, capta-se a índole da língua e não se decoram regras.

Há construções sintáticas baseadas no francês. For exemplo: “ainda não o conhecemos o suficiente para sua utilização”; “o colapso circulatório, o mais grave

possível, ocorreu...”; uso da preposição em por *de* “*bisturi em aço inoxidável*”; uso do Sujeito posposto ao verbo em formas de gerúndio e participio passado: “o cirurgião sendo o chefe, deve...”; “toda a pele destacada, lava-se o tecido...”; uso do gerúndio exprimindo qualidade ou estado permanente de um ser: “caixa com 20 drágeas contendo cada uma 200 mg de...”; “casa tendo o número 40;” contrata-se moça sabendo datilografia”.

O uso do *gerúndio em português* é complexo, e recomendamos consulta a textos especializados^{10,11}. Sobre o gerúndio, deixamos duas observações. Primeira, admo seu uso abusivo e excessivo no português do Brasil. O uso excessivo do gerúndio torna o texto enfadonho e dificulta a redação. Segunda, no uso adjetivo dos exemplos *supra*, trata-se de notório galicismo^{10,11}.

O português é a única língua neolatina que tem o *infinitivo pessoal*, isto é, esse flexiona com as pessoas. No exemplo: “cabe aos anestesistas julgarem”, o termo *julgarem* não está correto. E correto escrever: “cabe aos anestesistas julgar”. Mas, no exemplo: “referi-me à intenção de julgarem”, a flexão está correta, *julgarem*. O uso do infinitivo pessoal (que nada tem a ver com anglicismo e/ou falicismo) é controvertido. Recomendamos a consulta a texto especializado (Mendes de Almeida¹⁰).

Erros de redação muito freqüentes

A consulta ao dicionário (ou, melhor, aos dicionários, para completo estudo das palavras) é imprescindível a quem se propõe a redigir hem. No Brasil, atualmente, o melhor dicionário é a 2ª edição do Novo Dicionário Aurélio (1986).

Em escritos médicos são muito comuns erros gramaticais. O desinteresse é grande, mas certamente existem muitos motivos para isso.

Seria impossível apresentar todos os erros que temos encontrado, porque são diversos e em grande número. Apresentamos alguns exemplos que chamam muita atenção.

Usam-se em excesso *falência, severo e suporte* (três anglicismos dispensáveis) no lugar de *insuficiência, grave* (ou intenso ou pronunciado) e *apoio* (ou sustentação). Consistir de (influência do inglês *consist of*) é erro; diga-se consistir em. Sítio é influência do inglês *site*; deve-se dizer *local*. *Aeróbico* é influência do inglês *aerobic*; diga-se *aeróbio*. *Patogênese* é influência de *pathogenesis*; prefira *patogenia*.

Costuma-se escrever “a nível do escaleno...; diga-se ao nível do escaleno. Se se diz, erroneamente, “isto ocorre a nível nacional”, melhor será dizer “em nível

nacional”. No primeiro caso, a locução adverbial é *ao nível de*. No segundo caso, *em nível* não é locução adverbial.

Escreva-se *peritônio* (com i), mas *peritoneal* (com e). Cateter não tem acento e a tônica cai na última sílaba. Também não são acentuados *hipoxia, anoxia, necropsia, autopsia, biopsia* (a tônica recai no ditongo ia). *Amilase* é acentuado na antepenúltima sílaba. *Vígil* é acentuado na penúltima. Escreva-se *umbilical* (com i). *Pneumotórax, hemitórax, tórax*, e correlatos, não se flexionam no plural. *Subepático, subidratado, hipoidratado* não se escrevem com h. Escreva *abscesso* e não *abcesso*.

Tomamos, ao acaso, três exemplos de má redação:

1) Isso resulta em *um grande* número de pacientes idosos que *necessitam* cuidados médicos com *suas* características e patologias inerentes.

Um e suas são termos excessivos, nada dizem; a regência do verbo *necessitar* pede a preposição *de*: *necessitam de*.

2) Thewlis considerou medicina geriátrica *como* aquela *englobando* todos os pacientes *tendo* mais de 50 anos.

Como é palavra em excesso; *englobando e tendo*, são gerúndios com função galicista.

Melhor seria, por exemplo: “Thewlis considerou medicina geriátrica a que engloba pacientes de idade superior a 50 anos”.

3) Complicações ocorreram em dois casos, representados por *uma* fístula vésico-cutânea e *uma* evisceração.

Aqui se surpreende *uma* escrito por quem se deixou influenciar por leitura de textos em francês. Não está errado, mas a construção é francesa. Basta cortar *uma*.

Erro comumeminiantes em redação é a enfadonha repetição de palavras que nada acrescentam: *o, a, os, as, uma, um, umas, esse, essa* etc., e o uso excessivo de formas em gerúndio (*tendo, apresentando, fazendo, sendo* etc.).

Texto literário e texto técnico-científico

A *língua falada* diferencia-se da *língua escrita*. Na *língua falada*, distinguem-se as seguintes normas: 1) vulgar, 2) coloquial familiar; 3) coloquial culta 4) formal. Na *língua escrita*, temos: 1) norma vulgar; 2) norma despreocupada; 3) norma culta; e 4) norma fomal⁷. A língua que se usa para fins técnicos e científicos é a norma culta da *língua escrita*^{6,7}.

A *norma culta* do português técnico-científico caracteriza-se além da obediência aos princípios gramaticais, por ser clara, objetiva e simptes. O médico deve evitar a

pretensão de escrever linguagem literária em textos técnicos. O texto literário visa recriação do discurso das personagens e pode assimilar no contexto as formas coloquial e vulgar da língua oral. O texto técnico-científico deve expressar com isenção e senso de verdade os fatos da técnica e da ciência.

Antigos manuais de redação subdividiam o discurso literário nos seguintes elementos: 1) narração; 2) descrição; 3) dissertação; 4) dialogação. Essas categorias se definem por si mesmas. Podem-se usar os termos “narração” ou “narrativa” no sentido lato de “texto em geral”.

Em literatura, o escritor se ocupará de uma ou todas as subdivisões anteriores.

O *texto científico* usará a narração, a descrição e a dissertação. Por exemplo, na “Introdução” se desenvolverá narração; em “Material e Métodos” o texto será sobretudo descritivo; nos “Comentários” ou na “Discussão” costuma-se fazer dissertação. Da adequada mescla desses ingredientes vai se formar o texto científico.

Pode-se ser escritor sem se ser literato. Como cientista, o médico é escritor mas não literato, Poderá vir a ser simultaneamente escritor e literato (ficcionista, poeta, ensaísta). Por isso se torna impróprio querer adicionar literatura em textos técnicos e científicos.

Em literatura, faz-se menção às figuras de autor e narrador de determinada narrativa. Paulo Honório é o *narrador* de São Bernardo, romance de Graciliano Ramos, escrito na primeira pessoa. Já *Vidas Secas*, do mesmo autor, está escrito na terceira pessoa e subentende um narrador oculto e indeterminado.

No texto científico, autor e narrador se fundem na pessoa do cientista, cuja linguagem sóbria, clara, honesta e simples emana dos princípios que presidem a ciência: espírito neutro e amor à verdade. Ai reside a principal diferença entre ambas formas textuais, mas ninguém se deixe iludir: é possível escrever cientificamente com bom gosto e bom domínio do idioma, como foi o caso de Miguel Couto^{3,4}, de quem reproduzo os trechos seguintes, tomados ao acaso: “No primeiro momento o diagnóstico de urgência, como ponto de partida para o tratamento; depois, o diagnóstico fundamentado e científico, porque, meus Senhores, não há médicos práticos, só os há ou cientes curandeiros.”⁴ “...oposta é a lição que vos tenha dado todos os dias, pela palavra e pelo exemplo à cabeceira dos doentes e repito agora e repetirei sempre: examinai vosso doente todo, da cabeça aos pés, ou abstenede-vos. Se quiserdes este preceito, cometereis os erros contingentes, subordinados à impossibilidade manifesta ou dificuldade insuperável ao atraso da ciência, à ignorância relativa.. mas, não caireis nos da. inadvertência,

da preguiça ou do otimismo, que são os mais freqüentes e estrondosos.”⁴ “Os acidentes do clorofórmio são precoces ou tardios. Os primeiros dependem da impureza da substância, da sua má administração e de condições peculiares ao paciente mas incognoscíveis, que o expõem à síncope respiratória. Os tardios sobrevêm nas operações demoradas em consequência da degeneração gordurosa, que é o efeito tóxico dessa substância sobre várias vísceras, sobretudo se, não funcionando bem os órgãos emunctorios, houver permanência dela no organismo.”⁴ “No Rio de Janeiro, as epidemias da febre amarela confinam freqüentemente com epidemias ou casos esporádicos de influenza e de varíola; e são tais as semelhanças entre os três, no período de invasão, pelos seus sintomas gerais, e pela albuminúria habitual da influenza, que dificuldades sérias ocorrem, às vezes, no diagnóstico³.”

Francisco de Castro foi outro médico que escrevia com apurada elegância, como nestes trechos: “Bastante numeroso é a família das moléstias que, à revelia da terapêutica, vão, por si mesmas, a fio de cura; aqui mais serve ao doente o médico que menos o trata, e, de preferência, se limita a contemplar, nos moldes do velho método expectante, a evolução do processo mórbido, confiado na *vis medicatrix naturae*, providência interior de que falava Broussais” (tomo I, 1896, p. 3)². “OS escalenos que, ao contrário do que opinava Mangendie, se contraem durante as respirações ordinárias, no tipo custo-superior, não podem, por isso mesmo, servir de critério para as dispnéias objetivas; os esterno-cleido-mastoideus, sim; a esses, Beau e Maissiat judiciosamente aconselhavam tateá-los, como ao verdadeiro pulso respiratório.”² “Para este efeito deve o médico dirigir metodicamente o interrogatório, e não raro, só por eles, sem a exploração subsequente, o diagnóstico já vai consolidado, ou perto disso².”

Sugestões para redigir bem

Para se escrever bem é necessário interesse pela forma, senso de observação a textos diversos, leitura de bons livros e treinamento contínuo.

Cada cientista-escritor se adaptará a modo próprio de preparar o trabalho para publicação. Vou transcrever aqui algumas práticas usuais e que pessoalmente venho adotando. Variações dessas práticas podem e devem ser desenvolvidas, conforme melhor se ajustem à personalidade cada escritor.

É, antes de tudo, necessário pensar o assunto a ser desenvolvido. Se o assunto, não estiver do, não se deve escrever nada. É preciso estudar todas as facetas do problema para se mergulhar nele. Não se deve ter pressa em esquematizar ou esboçar o plano do

trabalho, que é o passo seguinte. Ao estudar o tema, sublinhar as passagens interessantes e tomar notas em fichas, caderno de notas ou folhas avulsas. Se o trabalho for de pesquisa experimental, os dados da caderneta de notas feitas durante o trabalho se tornam de muita utilidade. Fichas e prontuários de pacientes, embora feitos sem objetivo de futura publicação, poderão servir de base.

É essencial frisar que o assunto deve ser *bem pensado* antes de se querer escrevê-lo. A medida que se aprofunda na matéria, cria-se internamente tensão psíquica até um ponto em que se sente que a matéria está madura. E quando se esquematiza o assunto, fazendo um *roteiro*. Estas são, portanto, as duas etapas iniciais: 1) *Pensar* sobre o assunto; 2) *Planejar* o que vai ser escrito (Roteiro ou Plano de redação)^{1,6}.

É ilusório pensar que se redija qualquer texto na seqüência em que ele aparece publicado. Vão se fazendo anotações em rascunho ao acaso, à medida em que elas brotam à mente. E conveniente portar uma agenda, um diário ou caderno de notas para se escreverem anotações esparsas. Ainda não se está cogitando da redação definitiva, final.

Que fique bem claro este ponto: começa-se a escrever por qualquer parte do Roteiro, às vezes até pelo final, até pelas "Conclusões" a que o trabalho (de pesquisa, de revisão etc.) pretenda demonstrar, provar ou esclarecer.

No ensaio *A Filosofia da Composição*, Edgar Allan Poe conta que começou a escrever seu poema "O Corvo" pela 16ª estância e só depois disso foi que pode escrever as quinze anteriores e as duas finais. "E meu desígnio tornar manifesto que nenhum ponto de sua composição se refere ao acaso, ou à intuição, que o trabalho caminhou, passo a passo, até completar-se, com a precisão e a seqüência rígida de um problema matemático" (Edgar Allan Poe).

Assim também no texto científico. Faça anotações para reuni-las depois no contexto, obedecendo ao roteiro ou plano de redação.

Ao dar início à redação definitiva, devem-se ter em conta os seguintes princípios:

1) É indispensável o conhecimento da língua em que o trabalho vai ser escrito. Se o trabalho tiver grande relevo científico, deve ser escrito *de preferência* em língua estrangeira, notadamente em inglês, hoje em dia tida por língua internacional. A língua francesa é igualmente de grande alcance no cenário científico mundial.

2) Evite a prolixidade porque é muito grande a produção de textos científicos. Todo parágrafo deve ter construção lógica: primeiro se *introduz* o que se quer dizer depois se desenvolve a idéia principal; finalmente, se conclui com um resumo ou síntese. Assim, em todo

bloco de parágrafo, a estrutura lógica deve ser: introdução, desenvolvimento e conclusão. Muitas vezes faltam a introdução e a conclusão do parágrafo, indo-se diretamente ao desenvolvimento da idéia em si. Este é um ponto básico: ser conciso e *escrever texto enxuto*^{1,6,12}.

3) Após o texto estar pronto, ele deve "descansar" na gaveta, para "sedimentação", tanto tempo quanto possível. Depois de desgravado da memória recente, o próprio autor fará leitura crítica muito proveitosa, a fim de aperfeiçoar o que escreveu. Este processo é amplamente usado por escritores e por quem almeje escrever bom texto, lapidando-o de tempos em tempos.

4) É recomendável ouvir *opiniões críticas* de colegas, professores e pessoas amigas, a fim de avaliar possíveis imprecisões, quer científicas quer formais. Para fins de editoração, o trabalho não precisa ter acabamento primoroso. Aliás, o excesso de enfeites gráficos e visuais em nada contribui para valorizar o trabalho. Ainda aqui valem, a qualidade e a sobriedade da apresentação.

5) E de tal modo relevante a clareza do texto científico que palavras podem e devem ser repetidas no mesmo período, tantas vezes quanto necessário se tal repetição contribuir para a clareza.

Em suma, aprende-se praticando e seguindo os quatro passos subseqüentes: 1) pensar sobre o assunto; 2) planejar o que vai ser escrito; 3) escrever, começando pelo início, meio ou fim; e 4) rever tempos depois¹.

Redação de textos para revistas

A primeira regra a obedecer é estar dentro das normas do periódico a que se destina a publicação. Não há uniformidade no mundo quanto a isso, apesar das tentativas de acordo internacional. As razões para não haver tal acordo são múltiplas e complexas.

Revistas médicas em geral destinam-se a publicar *Editoriais, Artigos Originais, Conferências, Notas Pré-vias, Resumos Selecionados, Temas de Atualização e de Revisão, Condensados de Teses, Relatos de Casos, Notas sobre Novas Técnicas e Novos Aparelhos, Cartas ao Editor* e outras matérias concernentes à especialidade ou à linha editorial.

Neste trabalho, vou me referir ao modelo padronizado de *Artigo Original*. A metodologia intrínseca desse tipo de artigo está analisada em outra parte desta edição. O que se vai analisar foge, por exemplo, da estrutura de *Relato de Caso*, porém o que se trata em tese é de aplicação a todos os trabalhos de editoração médica.

O que se vai desenvolver representa uma tendência contemporânea. Embora cada periódico tenha suas

preferências, todos obedecem a esquema geral comum.

Os textos devem ser apresentados com os seguintes elementos constituintes: Página de rosto, Título, Título em inglês (e em outra língua, conforme “requerido”), *Abstract* ou *Summary*, Resumo (em português e em outra língua, se requerido), *Key Words*, Unitermos, Introdução, Material e Métodos, Resultados, Discussão, Agradecimentos, Referências, Tabelas, Figuras, Legendas das Tabelas e Legendas das Figuras.

Para fins editoriais, a *Página de rosto* deve conter o título do artigo, nome(s) do(s) autor(es) e respectivos títulos, nome do serviço ou instituição em que se fez o trabalho, e endereço e telefone para contato com o editor da revista.

O Título deve ser bem escolhido e adequado ao assunto. Deve ser apresentada sua versão em inglês, ou em outras línguas se requerido, o que facilita a comunicação internacional. Tende-se atualmente a que o título declare com inteireza o assunto, o que favorece a leitura dinâmica e o trabalho de indexação.

Na *Introdução*, o autor narra os eventos científicos que o conduziram a fazer o trabalho. Apresenta a justificação do trabalho. Embora seja indispensável a introdução, julgo preferível omitir no corpo do artigo a palavra introdução.

Em *Material e Métodos* (ou Metodologia, ou Pacientes e Métodos, ou População e Métodos, ou Amostragem e Métodos) se descrevem a população estudada, assim como por menores técnicos, de modo a permitir a outros pesquisadores a reprodução do estudo. Os métodos de tratamento estatístico precisam ser expostos clara e minuciosamente, a fim de se abalizar a força ou a eficácia do trabalho ou permitir a reprodutibilidade dos mesmos.

Nos *Resultados*, narram-se os achados de modo objetivo e as inferências estatísticas.

Em *Discussão* (ou Comentários) procura-se ressaltar o que se observou com realce na parte anterior e busca-se ligação com o que se tinha como hipótese, presunção ou dúvida na parte introdutória. Neste tópico, pode-se dissertar sobre a parte fundamental do tema, analisando a literatura pertinente.

As *Conclusões* podem vir anexas à discussão ou podem vir à parte.

Algumas revistas publicam *Abstracts*, outras publicam *Summary*, além do resumo em português (ou outra língua como espanhol: *resumen*; francês: *résumé* etc.). A RBA publica um *Summary* e dois resumos (em português e em castelhano).

Sobre *abstract* vou expressar opinião diferente. *Abstract* é termo inglês que não tem tradução literal em português. A maioria acredita seja sinônimo de sum-

mary e ambos se traduziriam por resumo em português. Apresentamos nossa discordância. Sugeriu-se que *abstract* pudesse equivaler aos termos portugueses “excerto” ou “extrato” ou finalmente a palavra “escorço”, termo oriundo do italiano. Nenhum dos três vocábulos corresponde ao sentido de *abstract*. Esse oferece visão mais esclarecedora do que o resumo (*summary*). Em minha opinião, o real sentido de *abstract* se obtém com a composição de vocábulos: “resenha condensada”. Para corroborar essa opinião, recorro que uma revista de prestígio como a *Surgery, Gynecology & Obstetrics* apresenta antes do artigo *uma abstracte*, após o mesmo, um *summary*. Está assim provado que *abstract* e *summary* não são sinônimos.

É muito importante trabalhar com o *abstract* e não só com o *summary*. Primeiro, pelo que já disse linhas atrás, o *abstract* é resenha condensada e fornece informação mais elaborada aos leitores supersaturados de textos técnicos. Segundo, porque aperfeiçoa a divulgação internacional da informação científica, seja através da computação, seja através da publicação de *abstracts*.

Após o resumo ou o *abstract*, têm sido usadas duas modalidades de palavras-índice a fim de facilitar a indexação do artigo: são o sistema Unitermo (ou de indexação coordenada) e o WIC (*key words inside context*), entre outros métodos. Sobre Unitermos e *Key words* faremos considerações à parte.

Depois do resumo, pode haver *Agradecimento(s)*. Quanto a esses, deve-se agradecer a alguém por algo objetivamente feito. Exemplo: “Agradecemos ao Sr. Álvaro Penteado pelo tratamento estatístico. “Nunca se deve dizer, por exemplo: “Somos eternamente gratos ao Sr. Álvaro Penteado pela ajuda estatística, sem o que este trabalho não teria sido possível”. O agradecimento é seco e direto, como: “Agradeço à Profa. Margareth Simpson pelo trabalho de revisão do manuscrito em inglês”. E mais nada.

Seguem-se as *Referências Bibliográficas*. Geralmente, basta escrever “Referências.” Obviamente, a maior parte se trata de bibliografia, mas pode haver comunicação pessoal, folhetos, jornais etc., formas não exatamente bibliográficas. Por outro lado, dizer “Bibliografia” implica a idéia de ali conter toda a bibliografia do assunto, o que é impossível. “Bibliografia Consultada” estaria correto, mas não é de praxe e redigir em ciência é obedecer as normas de praxe. Redigir em ciência não se propõe a inovar a redação. Essa deve ser seca e direta, como se pratica em todo o mundo, sem originalidade na forma. Originalidade precisa existir no conteúdo do trabalho.

As Legendas de Tabelas e as Legendas de Figuras serão redigidas em folhas à parte do texto principal.

preferências, todos obedecem a esquema geral comum.

Os textos devem ser apresentados com os seguintes elementos constituintes: Página de rosto, Título, Título em inglês (e em outra língua, conforme “requerido”), *Abstract* ou *Summary*, Resumo (em português e em outra língua, se requerido), *Key Words*, Unitermos, Introdução, Material e Métodos, Resultados, Discussão, Agradecimentos, Referências, Tabelas, Figuras, Legendas das Tabelas e Legendas das Figuras.

Para fins editoriais, a *Página de rosto* deve conter o título do artigo, nome(s) do(s) autor(es) e respectivos títulos, nome do serviço ou instituição em que se fez o trabalho, e endereço e telefone para contato com o editor da revista.

O Título deve ser bem escolhido e adequado ao assunto. Deve ser apresentada sua versão em inglês, ou em outras línguas se requerido, o que facilita a comunicação internacional. Tende-se atualmente a que o título declare com inteireza o assunto, o que favorece a leitura dinâmica e o trabalho de indexação.

Na *Introdução*, o autor narra os eventos científicos que o conduziram a fazer o trabalho. Apresenta a justificação do trabalho. Embora seja indispensável a introdução, julgo preferível omitir no corpo do artigo a palavra introdução.

Em *Material e Métodos* (ou Metodologia, ou Pacientes e Métodos, ou População e Métodos, ou Amostragem e Métodos) se descrevem a população estudada, assim como por menores técnicos, de modo a permitir a outros pesquisadores a reprodução do estudo. Os métodos de tratamento estatístico precisam ser expostos clara e minuciosamente, a fim de se abalizar a força ou a eficácia do trabalho ou permitir a reprodutibilidade dos mesmos.

Nos *Resultados*, narram-se os achados de modo objetivo e as inferências estatísticas.

Em *Discussão* (ou Comentários) procura-se ressaltar o que se observou com realce na parte anterior e busca-se ligação com o que se tinha como hipótese, presunção ou dúvida na parte introdutória. Neste tópico, pode-se dissertar sobre a parte fundamental do tema, analisando a literatura pertinente.

As *Conclusões* podem vir anexas à discussão ou podem vir à parte.

Algumas revistas publicam *Abstracts*, outras publicam *Summary*, além do resumo em português (ou outra língua como espanhol: *resumen*; francês: *résumé* etc.). A RBA publica um *Summary* e dois resumos (em português e em castelhano).

Sobre *abstract* vou expressar opinião diferente. *Abstract* é termo inglês que não tem tradução literal em português. A maioria acredita seja sinônimo de sum-

mary e ambos se traduziriam por resumo em português. Apresentamos nossa discordância. Sugeriu-se que *abstract* pudesse equivaler aos termos portugueses “excerto” ou “extrato” ou finalmente a palavra “escorço”, termo oriundo do italiano. Nenhum dos três vocábulos corresponde ao sentido de *abstract*. Esse oferece visão mais esclarecedora do que o resumo (*summary*). Em minha opinião, o real sentido de *abstract* se obtém com a composição de vocábulos: “resenha condensada”. Para corroborar essa opinião, recorro que uma revista de prestígio como a *Surgery, Gynecology & Obstetrics* apresenta antes do artigo *uma abstracte*, após o mesmo, um *summary*. Está assim provado que *abstract* e *summary* não são sinônimos.

É muito importante trabalhar com o *abstract* e não só com o *summary*. Primeiro, pelo que já disse linhas atrás, o *abstract* é resenha condensada e fornece informação mais elaborada aos leitores supersaturados de textos técnicos. Segundo, porque aperfeiçoa a divulgação internacional da informação científica, seja através da computação, seja através da publicação de *abstracts*.

Após o resumo ou o *abstract*, têm sido usadas duas modalidades de palavras-índice a fim de facilitar a indexação do artigo: são o sistema Unitermo (ou de indexação coordenada) e o WIC (*key words inside context*), entre outros métodos. Sobre Unitermos e *Key words* faremos considerações à parte.

Depois do resumo, pode haver *Agradecimento(s)*. Quanto a esses, deve-se agradecer a alguém por algo objetivamente feito. Exemplo: “Agradecemos ao Sr. Álvaro Penteado pelo tratamento estatístico. “Nunca se deve dizer, por exemplo: “Somos eternamente gratos ao Sr. Álvaro Penteado pela ajuda estatística, sem o que este trabalho não teria sido possível”. O agradecimento é seco e direto, como: “Agradeço à Profa. Margareth Simpson pelo trabalho de revisão do manuscrito em inglês”. E mais nada.

Seguem-se as *Referências Bibliográficas*. Geralmente, basta escrever “Referências.” Obviamente, a maior parte se trata de bibliografia, mas pode haver comunicação pessoal, folhetos, jornais etc., formas não exatamente bibliográficas. Por outro lado, dizer “Bibliografia” implica a idéia de ali conter toda a bibliografia do assunto, o que é impossível. “Bibliografia Consultada” estaria correto, mas não é de praxe e redigir em ciência é obedecer as normas de praxe. Redigir em ciência não se propõe a inovar a redação. Essa deve ser seca e direta, como se pratica em todo o mundo, sem originalidade na forma. Originalidade precisa existir no conteúdo do trabalho.

As Legendas de Tabelas e as Legendas de Figuras serão redigidas em folhas à parte do texto principal.

Algumas particularidades da redação técnica

1) Redação de *números*. É preferível que fiquem registrados em tabelas ou figuras. Quando surgem no texto, devem ser escritos em algarismos arábicos, exceto em começo de períodos. Alguns periódicos, como o *Lancet*, estão começando frases com algarismos arábicos, para economizar espaço. Seria conveniente não repetir os números constantes de tabelas e figuras no texto, mas alguns precisam ser realçados e alguns leitores não têm grande argúcia em inferir dados gráficos, daí a necessidade da ênfase.

2) *Números-índices e aspas*. Números-índices de chamada de referências, como no exemplo: "...monitorização hemodinâmica contínua.³ⁿ", devem seguir à vírgula ou ao ponto final. Exemplo: Repetiu que "todos abandonaram o tratamento."

3) *Citação de autores no texto*. Quanto menos citar nomes de autores, tanto melhor. O leitor deseja saber a sua contribuição e não o que os autores pensam. Eventualmente, porém, vem ao caso lembrar o que disse um ou outro autor. Melhor é citá-los pelas chamadas dos números-índice, como foi o exemplo do item 2. Contudo, as vezes, nomes podem vir por extenso. Assim, podemos ter SAIDALI¹³; ou SAIDALI (1971); ou SAIDALI (op. cit.). Isto está exposto no artigo destinado às Referências Bibliográficas nesta edição.

4) *Citação de termos estrangeiros e abreviaturas usuais em referências e outras situações*. Vocábulo latinos e estrangeiros em geral que se usam em ciência deverão vir grifados. Os nomes de bactérias (*Staphylococcus aureus* etc.) e nomes em língua estrangeira (*abstract, shunt, vis-à-vis* etc.) devem ser grifados.

A Tabela I apresenta lista de expressões e abreviaturas usuais em textos técnicos e científicos em sua maioria latinos.

Tabela I - Lista de expressões usadas em redações técnicas e científicas, em maior parte de origem latina

Ab initio = desde o princípio
Ad finem = até o fim
Ad hoc = para isso
Ad libitum = a vontade
Alter ego = outro eu
Ante mortem = antes da morte
A posteriori = do que vem depois
A priori = do que precede
Apud (abreviatura.) = de acordo com, citado por
Causa mortis = causa da morte
Circa (abrev. c. ou ca.) = cerca de
Conditio sine qua non = condição sem a qual não
Confer = (abrev. cf.) = confira
Cp. = abrev. do port compare
Curriculum vitae = carreira de vida
Data venia = dada a vênia

De plano = calculadamente
Desideratum = o que se deseja
Editio princeps = primeira edição
Et alii (abrev. et al.) = e outros
Et aliae (abrev. et al.) = e outras
Et caetera (abrev. etc.) = e mais outras coisas
Ex abrupto = de repente
Excathedra = do alto da cadeira, sem admitir objeção
Exempli gratia (abrev. e.g.) = por exemplo
Ex libris = dos livros de
Ex officio = por dever, por obrigação
Ex professo = com profundo conhecimento
Grosso modo = de modo geral, em latim
Hic et nunc = aqui e agora
Homo faber = homem artífice (primitivo)
Homo sapiens = homem sábio
Honoris causa = por causa da honra
Idem (abrev. Id.) = o mesmo
Id est (abrev. i.e.) = isto é
Ibidem (abrev. Ibid.) = no mesmo lugar
In = em
In anima nobili = no ser humano
In anima vili = em animais
In extenso = na íntegra
In extremis = no memento final
In fine = no fim (do capítulo, livro etc.)
Infra = abaixo
In loco = no local
In memoriam = em memória
In natura = em natureza
In situ = no lugar
In totum = no todo
In vitro = no vidro
In vivo = no vivo
Ipsis litteris = com as mesmas letras
Ipsis verbis = com as mesmas palavras
Ipsa facta = por este mesmo fato
Lapsus calami = erro inadvertido ao escrever
Lapsus linguae = erro inadvertido ao falar
Lato sensu = no sentido geral
Loco citato (abrev. loc. cit.) no ablativo ou *Locus citatus* no nominativo = no lugar citado
Motu continuo = com movimento perpétuo
Motu proprio = por própria deliberação
Mutatis mutandis = mudando-se o que se deve mudar
Nota bene (abrev. N. B.) = note bem
Opere citato ou opus citatum (abrev. op. cit.) = obra citada o mesmo que loc. cit.
Opere laudato ou opus laudatum (abrev. op. laud.) = o mesmo que op. cit.; menos usado
Pari passu = com passo igual
Passim ou et passim (abrev. pass.) = aqui e ali, no conjunto da obra
Per capita = por cabeça
Per se = de per si
Persona grata = pessoa agradável
Persona non grata = pessoa indesejada
Post mortem = após a morte
Post partum = após o parto
Primum non nocere = primeiramente não prejudicar
Primus inter pares = primeiro entre os iguais
Pro forma = por mera formalidade
Q.V. = queira ver; em português
Quod erat demonstrandum (abrev. q.e.d.) = que se queria provar
Quantum satis (abrev. q.s.) = quanto baste
Sic = assim, desse modo
Similia similibus curantur = os semelhantes curam-se pelos semelhantes; oposição a *contraria contrariis curantur*

Sine die = sem data fixa
Supra = acima
Status quo = estado em que
Stricto sensu = no sentido restrito
Sub iudice = sob julgamento
Sui generis = de seu gênero, peculiar
Tabula rasa = tábua lisa
Taedium vitae = tédio da vida
Vade mecum = vai comigo; livro portátil
Verbi gratia (abrev. v.g.) = por exemplo
Vis à vis = frente a frente, em francês
Versus (abrev. vs. ou v.) = contra

Indexação de artigos de revistas

Em que pese ser em aparência simples, este tema se reveste de muita complexidade. Vamos dar um esboço dos métodos mais comuns, sem nos deter nos múltiplos processos de indexação, ou propostos ou em uso no mundo⁵.

Basicamente, vamos nos referir aos sistemas de *indexação pós-coordenada* (ou simplesmente coordenada) do tipo conhecido como *unitermo*, e aos *métodos que empregam palavras-chave do título* para indexação. Esses últimos tendem a se multiplicar, dado o uso extensivo dos computadores.

Indexação por Palavras-Chave. Existem muitos métodos que usam palavras-chave para indexação⁵. Alguns métodos dependem do modo como se arranjam as palavras do título. Tomemos o exemplo dos artigos que aparecem na Tabela II. Em todos se vê a palavra enflurano que é uma das palavras-chave dos títulos. Agrupei de propósito 10 artigos que continham a palavra enflurano. O modo como estão ordenados os títulos não permitem boa visualização dessa palavra-chave que buscamos (enflurano). Este é o método mais simples de indexação por palavras-chave. Está claro que é insuficiente. Está claro, também, que outras palavras-chave existem nos 10 títulos, mas não nos ocupamos delas agora.

Tabela II - Método simples de indexação por palavras-chave. Foram reunidos de propósito 10 artigos que continham a palavra enflurano, para se usar como exemplo

Revisão sobre efeitos do anestésico enflurano
 Efeitos da anestesia com enflurano sobre a condução cardíaca em cães
 Alguns efeitos cardiovasculares do enflurano
 Farmacocinética clínica do enflurano
 Teste de carcinogenicidade do enflurano, isoflurano e halotano em cães
 Efeitos neuromusculares do enflurano isolado e combinado com relaxantes musculares
 Inibição da secreção de catecolamina adrenal por enflurano
 Depressão de resposta ventilatória hipóxica por enflurano em cães
 Respostas hemodinâmicas à anestesia por enflurano e hipovolemia em cães
 Efeitos do enflurano sobre a mecânica do músculo cardíaco

Surgiram aperfeiçoamentos da indexação por palavras-chave e que visam a preparar índices de títulos com auxílio do computador. Tal foi o caso do *sistema KWIC* (*keywords in context* = palavras-chave no contexto) e do *sistema KWOC* (*keywords out of context* = palavras-chave fora do contexto). As Tabelas III e IV mostram, respectivamente, os novos arranjos *KWIC* e *KWOC* dos termos dos títulos, estando aí claro o que se entende por “no contexto” e “fora do contexto”. No *KWIC* (nome que soa semelhante a *quick* = rápido, em inglês), a palavra-chave *enflurano*, do exemplo, aparece no centro da página (ou do visor do computador), com o resto do título de ambos os lados^{5,12}. No *KWOC*, a palavra-chave aparece à esquerda, independente dos títulos completos que se seguem à direita da página ou do visor⁵. Os números à direita nas Tabelas III e IV são os números aleatórios de codificação dada pelo órgão indexador (outros números de código poderão ser usados, conforme o critério escolhido).

Tabela III- Os mesmos artigos da Tabela II quando arranjados no sistema KWIC. Observe que a palavra-chave em exame fica no centro, e o restante dos termos dos títulos ficam de ambos os lados. Palavras como o, a, uma, sobre etc. são eliminadas pelo computador

Efeito anestésico	Enflurano/revisão	15.312
Cães/efeitos anestesia	Enflurano condução cardíaca	15.825
Cardiovasculares	Enflurano/efeitos	15.300
Clínica	Enflurano/farmacocinética	14.999
Teste carcinogenicid.	Enflurano, isoflurano, halotano cães	15.617
Xantes musc./efeit. card.	Enflurano isolado, combinado rela	15.415
Colaminal adrenal	Enflurano/inibição secreção cate	15.322
Ventilatória hipóxica	Enflurano, cães/depressão respir.	15.501
Hemod. anestesia	Enflurano, hipovolemia, cães/resp.	15.444
Cardíaco/efeito	Enflurano mecânica músculo	15.351

Tabela IV - Os mesmos artigos da Tabela II quando arranjados pelo sistema KWOC. Neste caso, a palavra-chave aparece à esquerda

Enflurano/revisão	efeitos anestésico enflurano	15.312
Enflurano/efeitos anestesia	enflurano cond. cardíaca cães	15.825
Enflurano/efeitos cardiovasculares	enflurano	15.300
Enflurano/farmacocinética clínica	enflurano	14.999
Enflurano/teste carcinog.	enflurano, isoflurano halot. cães	15.617
Enflurano/efeitos neurom.	enflurano isol. comb. rel. musc.	15.415
Enflurano/inibição secr.	catecol. adrenal enflurano cães	15.322
Enflurano/depressão resp.	vent. hipóxica enflurano cães	15.501
Enflurano/resp. hemod. anestesia	enflurano hipovol. cães	15.444
Enflurano/efeitos enflurano	mecânica músculo cardíaco	15.351

Problemas de exaustividade e especificidade podem ser resolvidos, em parte, pelo emprego do que se chama *KWIC* e *KWOC enriquecidos*, isto é, termos adicionais, não constantes dos títulos originais, são inseridos com o fim de proporcionar outras entradas no índice. Nos exemplos da Tabela II podiam ser adotadas outras palavras-chave, *não constants* dos títulos: complicações anestésicas, teratogenicidade, técnicas

anestésicas etc.

O KWIG e o KWOC foram planejados especialmente para processamento mecanizado. Suprimem-se do título termos que não têm valor em indexação (palavras como: de, um, o, a, sobre etc.). O computador é processado para cancelar essas palavras inexpressivas. As demais palavras vão constituir entradas úteis de índices. Essa lista de índices pode ser adicionada de termos previamente selecionados por pessoas peritas. Listas de cabeçalhos de assuntos de determinada área (engenharia, medicina, ciências sociais etc.) chamam-se *thesaurus* (plural *thesauri* = *tesouros*, em *latin*).

Um sistema KWIC típico consiste em três partes: 1) um arquivo de registros, no qual cada documento recebe seu número de codificação; 2) um índice de palavras-chave baseado nos títulos ou enriquecido com outros termos (um *thesaurus*); e 3) um índice de autores⁵.

Um *thesaurus* muito usado é o que consta no *Index Medicus*, publicação da *National Library of Medicine* (Biblioteca Nacional de Medicina) dos Estados Unidos. Essa instituição publica anexo ao número de janeiro do *Index Medicus*, anualmente, um catálogo de índices, sempre aperfeiçoado ou acrescido, intitulado *Medical Subject Headings* (abreviatura MeSH = Cabeçalhos de Assuntos Médicos). Outro *thesaurus* é o que publica o *Index Medicus Latino-Americano*. O *meSH*⁶ é também usado no sistema computadorizado MEDLARS (*Medical Literature and Retrieval System* = Análise de Literatura Médica e Sistema de Recuperação).

indexação Pós-Coordenada ou Sistema Unitermo. O índice Unitermo foi introduzido pelo Dr. Mortimer Taube,

em 1953, nas forças armadas norte-americanas. É o método mais simples de indexação pós-coordenada (ou simplesmente coordenada). Diz-se coordenada para se diferenciar da indexação pré-coordenada, métodos por assim dizer elementares de indexação. *Unitermo* se formou dos vocábulos ingleses *unit* (unidade) e *term* (termo, vocábulo) com o que se pretendeu o uso de termos simples de oposição a cabeçalhos compostos⁵.

Na Tabela V e na Figura 1 apresentamos exemplo da aplicação dos Unitermos. Veja na Tabela V que os documentos ou artigos vão sendo numerados por ordem de chegada à biblioteca ou órgão indexador. Esses números são lançadas em colunas de 0 a 9 das fichas de Unitermos, previamente escolhidos. Os números dos documentos devem fazer coincidir o número final com o número das colunas e podem figurar em várias fichas. a Figura 1, por exemplo, o documento nº 161 foi registrado em três fichas; daí idéia de coordenação.

A tendência das instituições que usam métodos pós-coordenados, como o Unitermo, tem sido o de fazerem suas próprias listas de cabeçalhos. Estritamente falando, *listas de cabeçalhos de assuntos e thesauri* não são exatamente a mesma coisa, dada a abrangência universal dos últimos⁵. Podem ser usados o *MesSH*⁶ e o *thesaurus* do *Index Medicus Latino-Americano*, com o que se enriquece o Unitermo. Os termos *descritores* usam-se para os outros índices do *thesaurus* que não constam do documento em análise; contrapõem-se aos unitermos, estritamente falando.

A pesquisa num fichário Unitermo é insatisfatória por depender de nossa capacidade de perceber a

Tabela V - Relação de 20 artigos, vindo à esquerda o número de chegada ao órgão indexador. Estes números serão lançados nas fichas Unitermos. Veja Figura 1

Nº de Chegada	Artigos
143	Alguns efeitos cardiovasculares da quetamina in vivo
144	Nefrotoxicidade associada à anestesia com metoxiflurano
145	Ação do anestésico etomidato na perfusão cerebral em cães
146	Avaliação do pancurônio em anestesia geral
147	Efeito do enflurano isolado e combinado com relaxantes musculares
148	Efeitos do halotano sobre a função renal do homem sadio
149	Complicações respiratórias durante anestesia geral
150	Aviação clínica do midazolam em anestesia geral
151	Analgesia pós-operatória com buprenorfina peridural
152	Uso do isoflurano em anestesia neurocirúrgica
153	Alterações na resposta à dor somática associada à anestesia
154	Efeitos cardiovasculares do halotano no homem
155	Uso do vecurônio em miastenia gravis
156	Ventilação em neurocirurgia
157	Anestesia com quetamina para cateterismo cardíaco em crianças
158	Depressão respiratória por midazolam e diazepam
159	Inibição da secreção de catecolamina adrenal por enflurano
160	Respostas cardiovasculares e grandes doses intravenosas de morf. no homem
161	Ausência de auto-regulação do fluxo sanguíneo cereb. na anest. p/halotano
162	Biodegradação do halotano, enflurano e metoxiflurano

combinação de números nas fichas em exame. Por isso, surgiram aperfeiçoamentos desse método, o mais interessante dos quais é a Ficha de *Coincidência Óptica*. Essa consiste num sistema de perfuração de cartões em números desejados, vistos contra a transparência luminosa, o que facilita a localização. Essa ficha é quadriculada e numerada (poderá conter 500 a 10.000 posições, dependendo do tamanho da

ficha).

Outros aperfeiçoamentos técnicos e outras aparelhagens vêm sendo usados nesses sistemas pós-coordenados, sobre o que não nos detemos por fugir da natureza deste trabalho.

Muitos outros métodos de índices por computação são descritos e usados, o que torna o complexo tema matéria reservada a especialistas.

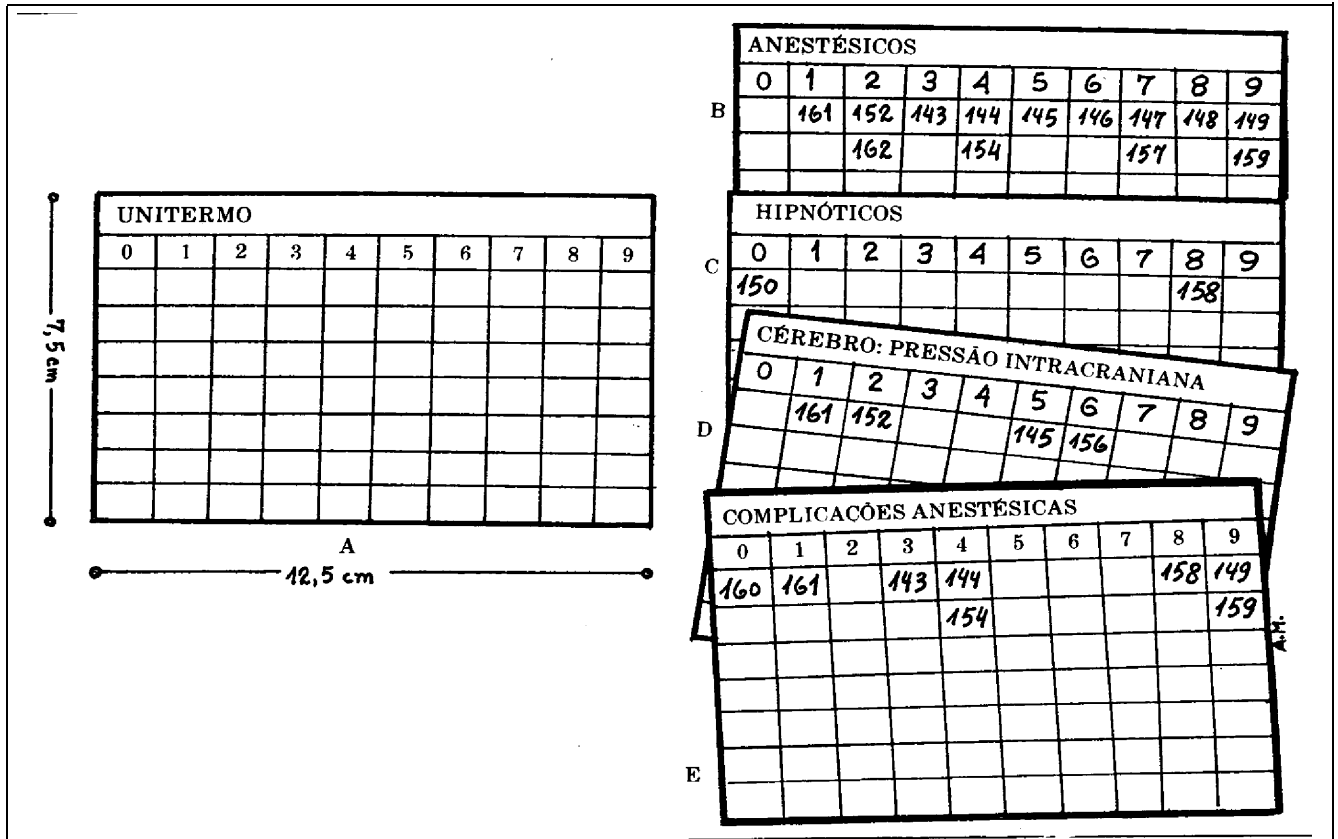


Fig. 1 Modelo de ficha unitermo. Os tamanhos podem ser variáveis. As colunas são numeradas de 0 a 9. Os números anotados nas colunas das fichas representam os números de ordem da chegada dos artigos. Neste exemplo, o artigo de n.º 161 aparece nas fichas B, D e E, daí o sentido de coordenação para servir à recuperação futura de certo assunto. No exemplo, o documento 161 se refere a "anestésicos", "cérebro: pressão intracraniana" e "complicações anestésicas". Veja Tabela V.

REFERÊNCIAS

1. Barrass R - Os Cientistas Precisam Escrever. 2.ª ed. São Paulo, T.A. Queiroz, Editor, 1986,
2. Castro F de - Tractado de Clínica Propedeutica. Rio de Janeiro, Laemmert & C. Editores, Tomo I, 1896 e Tomo II, 1900.
3. Couto M - Brazil Medico, 1897; 3.
4. Couto M - Lições de Clínica Medica. Rio de Janeiro, Typografia Ao Luzeiro, 1916.
5. Foskett AC - A Abordagem Temática da Informação. São Paulo, Editora da Universidade de Brasília/Editora Polígono, 1973.
6. Kury A G - Elaboração e Editoração de Trabalhos de Nível Universitário. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1987.
7. Kury A G - Para Falar e Escrever Melhor o Português. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1989.
8. Lessa LC - O Modernismo Brasileiro e a Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1966.
9. Mello Franco F de - Elementos de Hygiene, ou Dictames Theoreticos, e Prácticos para Conservar a Saude, e Prolongar a Viola. 3.ª ed, Lisboa, Typografia da Academia Real das Sciencias, 1823,
10. Mendes de Almeida N - Dicionário de Questões Vernáculas. São Paulo, Editora Caminho Suave, 1981, 128-150.
11. Mendes de Almeida N - Gramática Metódica da Língua Portuguesa. 33.ª ed. São Paulo, Editora Saraiva, 1985, 541-557.
12. Rey L - Planejar e Redigir Trabalhos Científicos. São Paulo, Editora Edgard Blücher, 1987.
13. Said Ali M - Meios de Expressão e Alterações Semânticas, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1971.
14. Silva Neto S - Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil. 5.ª ed. Rio de Janeiro, Presença Edições/Instituto Nacional do Livro, 1986.